

BEN COSTA & JAMES PARKS

A ESCOLA DE AVENTUREIROS

*PERDIDO NO LABIRINTO
DE COGUMELOS*

TRADUÇÃO:

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022

COPYRIGHT © CARLO COLLODI, 1983 — DOMÍNIO PÚBLICO

COPYRIGHT © MONTEIRO LOBATO, 1882 - 1948 — DOMÍNIO PÚBLICO

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Versão de domínio público adaptada por Monteiro Lobato.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Assistente editorial **JESSICA SILVA**

Preparação **ANA CAROLINA SALINAS**

Revisão **CIBELIH H. TORRES E CRIS NEGRÃO**

Capa e diagramação **REBECCA BARBOZA**

Ilustrações de miolo **VOLKANAKMESE, ARDEA-STUDIO, DENYS KOLTOVSKYI**
| SHUTTERSTOCK

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Collodi, Carlo, 1826-1890

As aventuras de Pinóquio / Carlo Collodi ; tradução e adaptação de Monteiro Lobato. — São Paulo : Faro Editorial, 2022.

96 p.

ISBN 978-65-5957-204-5

Título original: Pinocchio

1. Literatura infantojuvenil italiana I. Título II. Lobato, Monteiro, 1882-1948

22-4127

CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil italiana



1ª edição brasileira: 2022

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

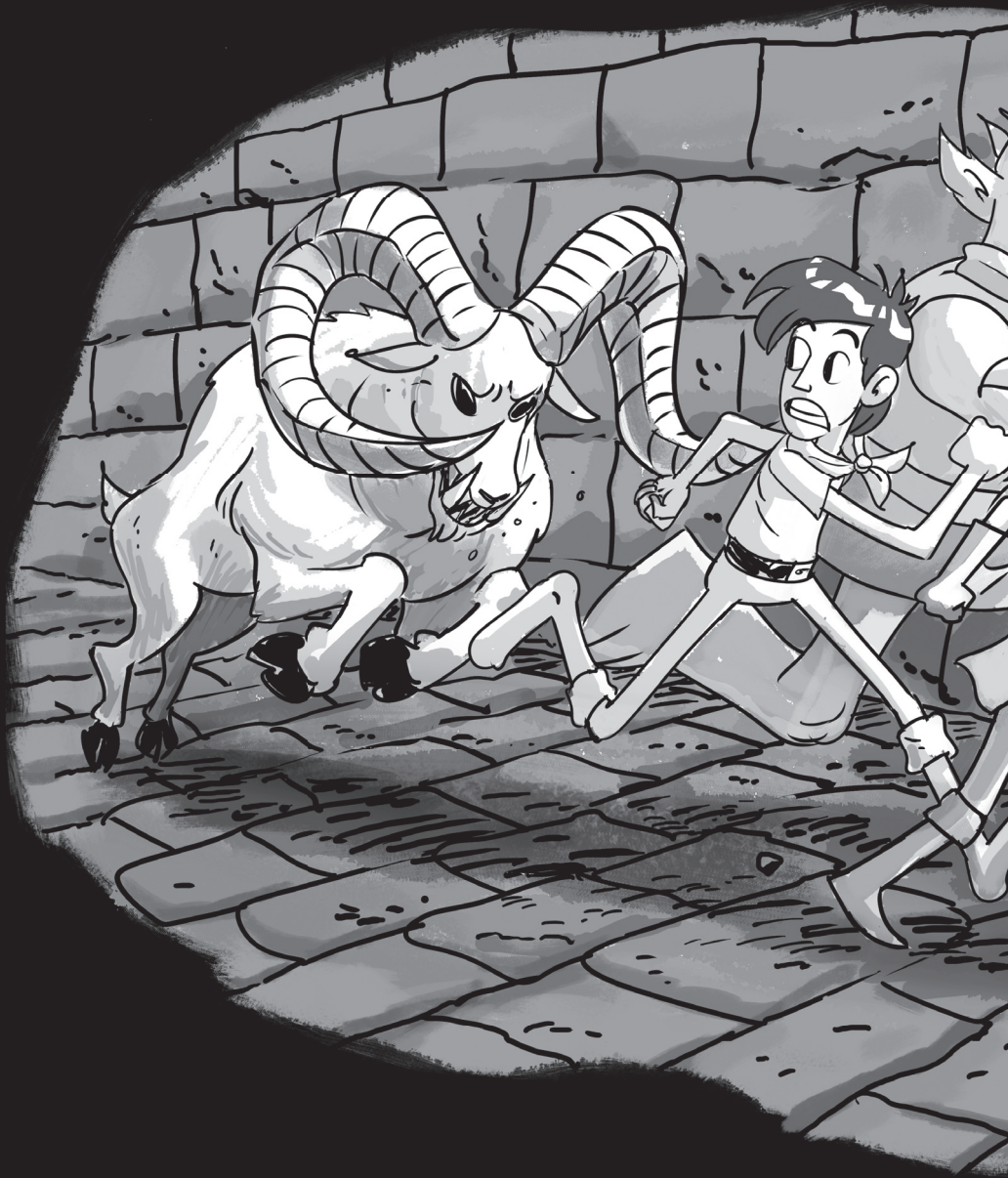
INTRODUÇÃO

EU ME CHAMO COOP COOPERSON, E SOU O ÚNICO SER humano na Escola de Aventureiros. Você pode estar se perguntando: “O que é a Escola de Aventureiros?” É uma escola que ensina crianças a se tornarem aventureiros nas Terras de Eem, um lugar povoado de criaturas e monstros de diferentes espécies, cheio de labirintos, confusões e quem sabe até um pouco de magia. Maneiro, né?

Todas as turmas na Escola de Aventureiros são divididas em quatro equipes, e cada uma tem uma cor: vermelho, azul, amarelo e verde. Eu sou do Time Verde!

Junto com os meus amigos, eu embarco em aventuras incríveis pra descobrir ruínas esquecidas e encontrar tesouros perdidos... sempre topando pelo caminho com criaturas estranhas e figuras bizarras (umas legais, outras nem tanto).

O livro que você está lendo agora é o meu diário de aventuras. E o meu melhor amigo, o Oggie, é quem faz todos os desenhos. Então, se você quer curtir um passeio alucinante por um mundo mágico, aperte os cintos! Porque na Escola de Aventureiros, a aventura é a nossa matéria preferida.



CAPÍTULO

1

JÁ ERA. ACABOU PRA MIM. EU SEI, EU SEI. A HISTÓRIA mal começou, mas eu estou FRITO. Na verdade, nós todos estamos.

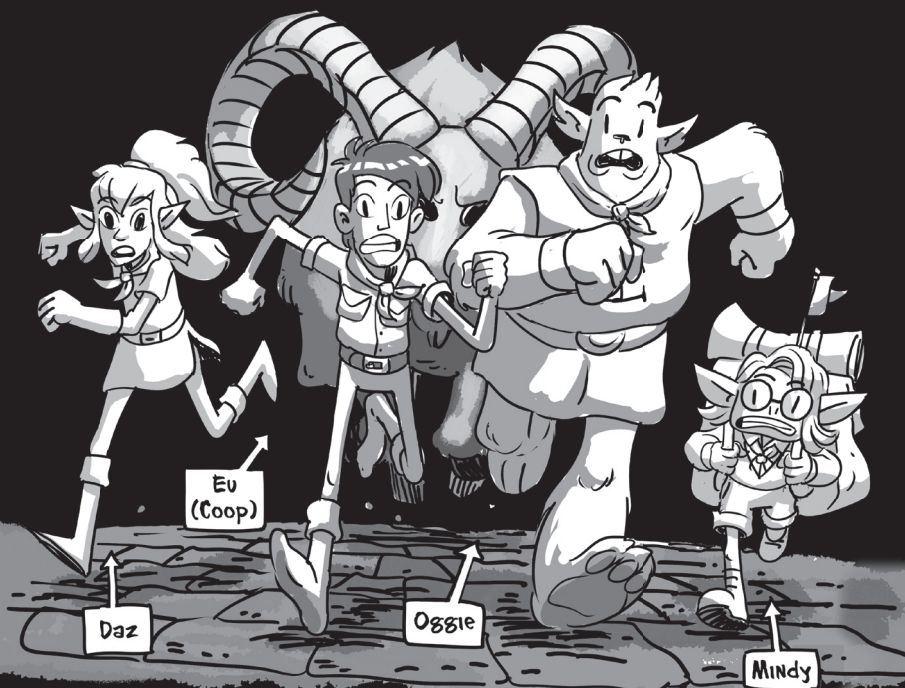
Quer uma prova?

Dá só uma olhada na criatura grotesca que está atrás de mim e dos meus amigos.

Aquela coisa é um ramagoro.

Muito, muito mal-humorado. E está vendo aqueles chifres? Acredite, é melhor não chegar nem perto da ponta daqueles chifres.

E esse aí na frente, bem no meio, sou eu. Coop Cooperson. Sim, meu nome é esse mesmo. E se ainda não se ligou, você tá lendo um livro sobre as minhas aventuras. Eu escrevo um diário contando tudo o que acontece comigo. Principalmente porque sou o primeiro garoto humano a estudar na Escola de Aventureiros.



O meu melhor amigo, o Oggie, é quem ilustra as nossas aventuras. Ele é o carinha à minha esquerda. O bicho-papão bem alto, correndo ofegante e de olhos esbugalhados. O Oggie é o melhor artista de toda a escola.

Ao lado do Oggie está a Mindy. Ela é uma diabreta. E, neste momento, a Mindy está fazendo um esforço tremendo pra conseguir nos acompanhar, por causa da mochila gigante que ela carrega nas costas. Parece uma âncora que a puxa para baixo. Quem é que usa uma mochila tão grande, cheia de tralhas sem sentido? Só podia ser a Mindy. Ela diz que é porque um Aventureiro precisa estar preparado pra tudo. E é verdade. Mas uma coisa que váááárias oportunidades me ensinaram no pouco tempo em que estou aqui na escola é que também é preciso estar preparado para correr como se a vida dependesse disso.

Por sorte, a Daz está junto pra dar uma mãozinha pra Mindy quando precisamos saltar no paredão de rocha pegajosa à nossa frente. A Daz é uma besta-fera, e eu diria que é a criatura mais fantástica da nossa equipe. Ela é inteligente, rápida, cheia de talentos... e, bom, até que bonitinha.

Não, calma lá! Eu não posso ficar pensando em garotas bonitinhas em um momento como este! Concentre-se, Coop! O seu futuro na Escola de Aventureiros depende disso. O futuro de todos nós depende disso!

Eu subo pela superfície escorregadia do paredão, mas escorrego e quase me estatelo no solo. Mas consigo firmar a minha mão na parede, e assim que chego ao topo e vejo que estou fora de perigo, o ramagoro bate os seus superchifres na parede com toda a força, fazendo um barulhão!

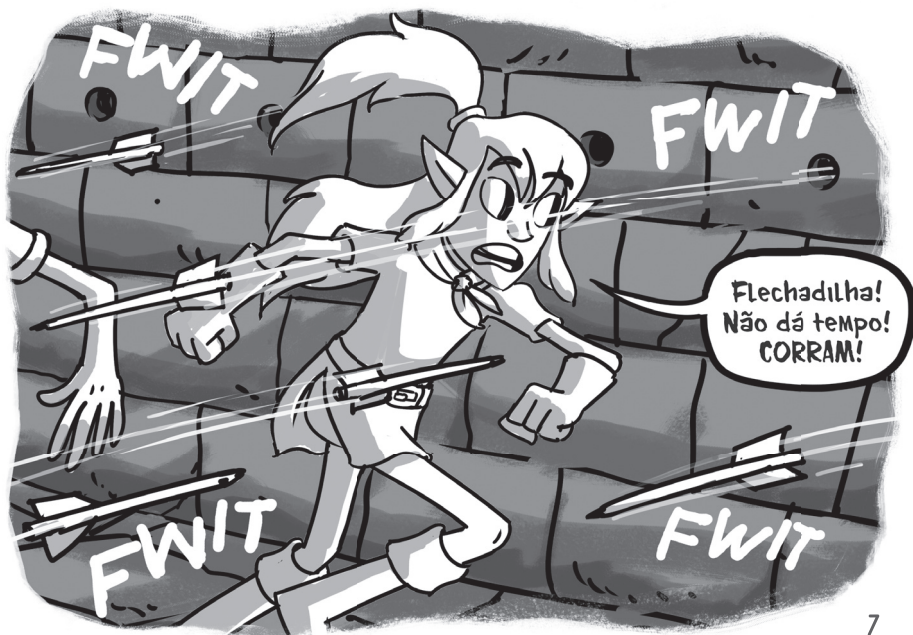
Ufa! Essa foi por pouco. Mas não dá tempo de descansar. Seguimos correndo a toda a velocidade e entramos no próximo corredor. De repente, um gás verde e fedorento começa a entrar por uma abertura no paredão de pedra. Eita! Uma armadilha de gás! E o cheiro... é como se um ogro que acabou de comer um sanduíche de restos de geladeira tivesse arrotado na minha cara. Precisamos seguir em frente.

— Esperem! — a Mindy grita.

CLICK!



Sem querer, eu piso em uma placa de pressão! Uma coisa afiada e pontuda passa voando rente à minha cabeça!



**CLICK!
UIZZZ!
UUUUSH!**

Nós avançamos sem parar, sem olhar onde estamos pisando! Labaredas surgem no chão e no teto! Nós passamos entre elas, sentindo o calor do fogo que chega a queimar as minhas narinas.

De repente, uma lâmina oscilante surge no escuro, lá do alto, e vem descendo na nossa direção.

— Abaixem-se! — o Oggie grita.

Nós nos jogamos no chão e conseguimos sair do caminho da lâmina cortante. Quer dizer, quase todo o mundo. A Mindy não. Ela cai no chão, e o trambolho da mochila cai por cima da cabeça dela. Por muito pouco o pêndulo não corta a Mindy ao meio.

— Mindy! — eu me desespero.

— Tá tudo bem! — ela diz, e a voz sai abafada de baixo da mochila.



O pêndulo balança pra frente e pra trás bem em cima da cabeça dela, como um balanço de pneu velho. Bom, pra ser mais exato, um balanço de pneu velho afiado e assassino.

— Fique abaixada! — eu respondo. Vai dar tudo certo se ela não se mexer. Mas precisamos continuar em frente. O tempo está passando.

Seguimos em frente, e de repente, o Oggie estica aquele braço enorme e peludo pra me segurar, evitando que eu caia em um fosso.

— Opa! Valeu, irmão! — eu digo.

— Beleza. — O Oggie respira fundo.



— Eu vou na primeiro. — Dou um passo pra trás e pulo na primeira plataforma diante de nós.

A Daz pula logo depois; aí, eu pulo pra segunda plataforma; e o Oggie vem por último.

Acho que agora é hora de eu contar uma coisinha sobre o Oggie.

O Oggie é um cara forte pra caramba e, como eu já disse, é um artista muito talentoso. E, é claro, ele é o melhor amigo que alguém pode ter. Mas o Oggie... bom... é meio desastrado. Ele diz que ainda

está em fase de crescimento, e às vezes aqueles pezões não conseguem acompanhar o ritmo do cérebro.

E é exatamente o que acontece quando ele pula da primeira pra segunda plataforma. Os pés do Oggie pousam de mau jeito e, perdendo o controle, o cara rodopia feito uma bailarina tonta.

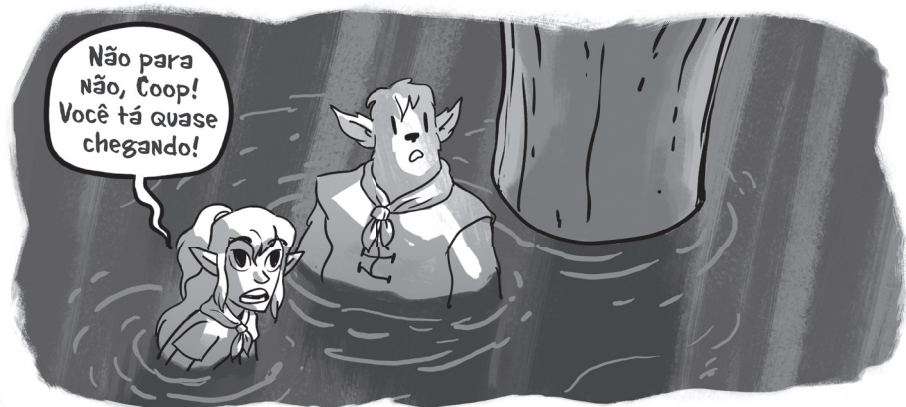
BAM! O Oggie acaba batendo sem querer na Daz, que também perde o equilíbrio. Eu me viro, mas não há mais nada que eu possa fazer. Os dois caem dentro daquela água lamacenta, espirrando gosma pra todo lado.

Quando a cabeça da Daz surge pra fora da água, ela grita, zangada:

— Caramba, Oggie!

— Foi mal, Daz... — O Oggie está encharcado e, sem aquele volume todo dos pelos, parece ter uns cem quilos a menos.

— Fazer o que, né? — a Daz resmungava baixinho. Ela se vira na minha direção enquanto eu vou saltando até chegar do outro lado do fosso.



E aí é comigo.

Mas quando acho que terei tempo pra tomar fôlego e me situar, ouço o som de uma pedra rangendo tão alto que chega a sacudir os meus ossos. Ao olhar pra trás, avisto um pedregulho gigante rolando de uma plataforma lá no alto. As minhas pernas parecem gelatina, mas se eu não me mexer agora, vou virar panqueca!

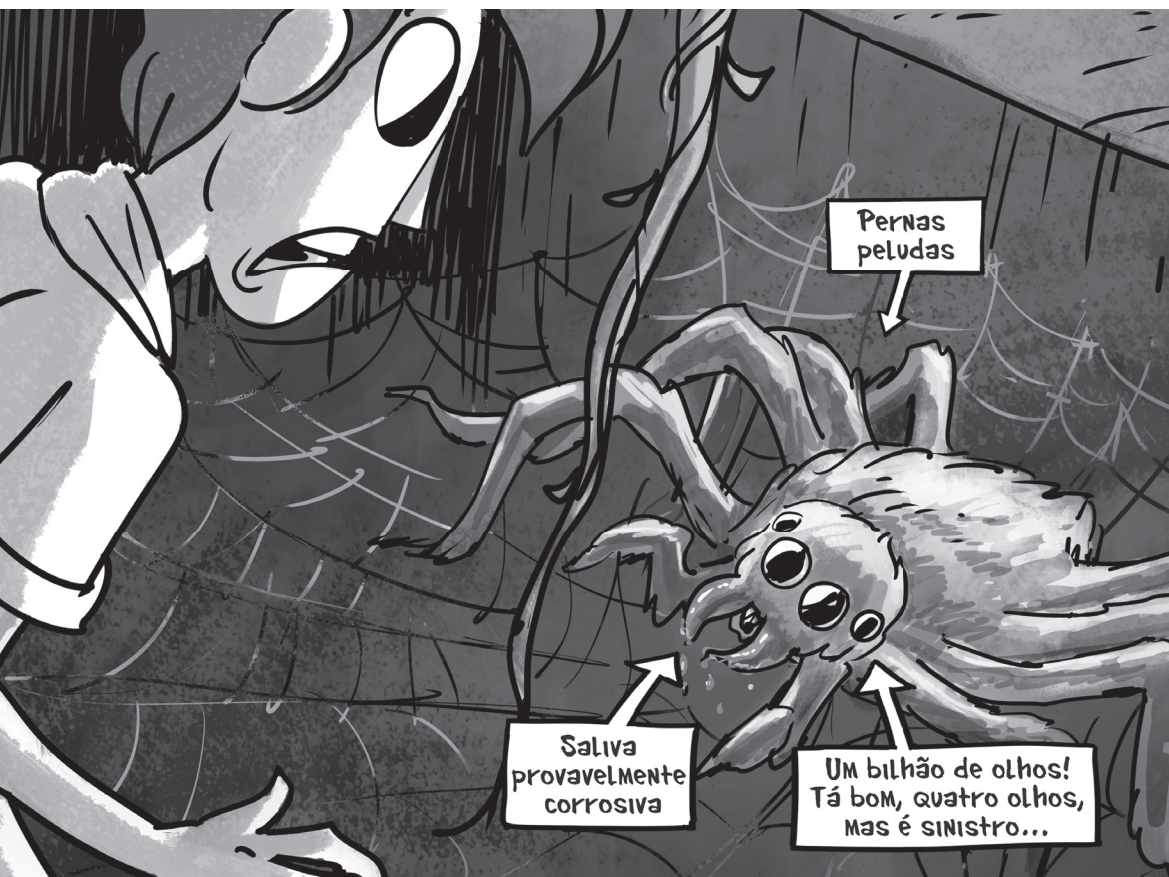
O pedregulho cai com tudo no chão, bem no lugar onde eu estava parado um segundo atrás, e a caverna treme inteirinha, como num

terremoto. Sinto pedrinhas caindo em mim lá do teto, e não consigo conter um grito. Atravesso correndo aquele túnel escuro, com o pedregulho vindo rolando a poucos metros de distância.

E é aí que eu vejo uma coisa: uma pedra preciosa rosa e brilhante, em cima de um pedestal dourado, do outro lado do poço. Pelo que parece, vou precisar me balançar no cipó pendurado no teto pra chegar ao outro lado. Não tenho nem tempo pra pensar.

Porém, um pouquinho antes de saltar, faço a enorme besteira de olhar pra baixo. E ali, no escuro, vejo uma aranha gigante me encarando. Eu congelo. Os meus joelhos começam a tremer. Consigo ver as suas mandíbulas melequentas brilhando na escuridão. Já falei que odeio aranhas? Que tipo assim, odeio *de verdade*?

Então é aqui que eu vou morrer. Sei que eu já disse uma vez que estava frito, mas acho que agora vou ter que parar por aqui, pessoal. Eu não deveria ter me matriculado na Escola de Aventureiros. A medalha de Aventureiro Mirim não vale isso tudo. Quer dizer, eu com certeza não esperava morrer logo no primeiro semestre. Talvez eu não sirva pra isso, afinal.



Pensando na proximidade da minha morte, ouço as vozes abafadas dos meus amigos ecoando pela caverna.

— Vamos, Coop! Você consegue! — eles me incentivam. — Você é a nossa última chance!

E, de repente, eu me recarrego com um pouquinho de esperança.

Foi o que bastou pra eu saltar e me livrar do pedregulho que queria me esmagar!



O único problema é que não consigo pegar velocidade pra saltar. Eu mal consigo me agarrar ao cipó pra salvar a minha vida. E sem impulso? Não tem como chegar do outro lado!

— Vamos! — Eu me sacudo no cipó feito uma minhoca num anzol. Nunca vou conseguir pegar a pedra preciosa...

Cair em um poço escuro já é ruim, mas pior do que isso... eu estou prestes a virar comida de aranha. As quelíceras gigantes da aranha começam a soltar espuma à medida que ela se aproxima de mim. A minha mão suada escorrega, e eu deslizo pelo cipó.